



ESTADUAL DA PARAÍBA

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I – CAMPINA GRANDE
CENTRO DE EDUCAÇÃO - CEDUC
CURSO DE LETRAS – LICENCIATURA EM LÍNGUA PORTUGUESA**

ROBSON ROLDÃO DE MELO

**COLONIZAÇÕES DA MENTE EM “O DIA EM QUE O PATO DONALD COMEU
PELA PRIMEIRA VEZ A MARGARIDA”: UM OLHAR PÓS - COLONIAL**

**CAMPINA GRANDE
2016**

ROBSON ROLDÃO DE MELO

**COLONIZAÇÕES DA MENTE EM “O DIA EM QUE O PATO DONALD COMEU
PELA PRIMEIRA VEZ A MARGARIDA”: UM OLHAR PÓS - COLONIAL**

Trabalho de Conclusão de Curso da
Universidade Estadual da Paraíba, como
requisito parcial à obtenção do título de
graduado em Letras – Licenciatura em Língua
Portuguesa.

Área de concentração: Literatura e
Interculturalidade

Orientador: Prof. Dra. Francisca Zuleide
Duarte de Souza

**CAMPINA GRANDE
2016**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

M528c| Melo, Robson Roldão de
Colonizações da mente em o dia em que "O dia em que o Pato Donald comeu pela primeira vez a Margarida" [manuscrito] : um olhar pós-colonial / Robson Roldão de Melo. - 2016.
28 p. : il. color.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2016.
"Orientação: Profa. Dra. Francisca Zuleide Duarte de Souza,
Departamento de Letras e Artes".

1. Pós-colonialismo. 2. Colonização da mente. 3. João Melo
I. Título.

21. ed. CDD 896.3

ROBSON ROLDÃO DE MELO

COLONIZAÇÕES DA MENTE EM “O DIA EM QUE O PATO DONALD COMEU PELA PRIMEIRA VEZ A MARGARIDA”: UM OLHAR PÓS - COLONIAL

Trabalho de Conclusão de Curso da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de graduado em Letras – Licenciatura em Língua Portuguesa.

Área de concentração: Literatura e Interculturalidade

Orientador: Prof. Dra. Francisca Zuleide Duarte de Souza.

Aprovado em: 28/04/2016.

BANCA EXAMINADORA

Francisca Zuleide Duarte de Souza . Nota: 9,0
Prof. Dra Francisca Zuleide Duarte Souza(Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Ricardo Soares da Silva . Nota: 9,0
Prof. Dr. Ricardo Soares da Silva
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Flaviano Maciel Vieira . Nota: 9,0
Prof. Me. Flaviano Maciel Vieira
Universidade Estadual da Paraíba(UEPB)

À minha família, pela confiança, companheirismo e amizade, DEDICO.

AGRADECIMENTOS

À minha mãe, Maria Lúcia de Melo, que me inspirou a seguir o caminho de professor, acreditando e depositando confiança na minha carreira.

Ao meu pai, João Roldão de Melo, pelo exemplo de honestidade e integridade, pelos conselhos e investimentos mesmo nas situações mais difíceis.

Aos meus dois irmãos, Rômulo Roldão de Melo e Ronyel Roldão de Melo, pelo companheirismo e fuga da rotina.

À Fernanda Andrade, pela paciência, companheirismo e fidelidade.

À minha orientadora, Francisca Zuleide Duarte de Souza, pelos conhecimentos repassados, e pelo amparo, se tornando, além de professora, uma amiga, uma segunda mãe que encontrei nesta jornada.

Ao professor Cleber Pacheco (*in memoriam*), pois mesmo fisicamente ausente, me repassou sua esperança e força de vontade.

Aos professores do Curso de Letras da UEPB, em especial, Maria Goretti Ribeiro, Adalberto Teixeira, Ricardo Soares, Ranieri Mello, Flaviano Vieira, Lourdes Leandro e Linduarte Rodrigues que contribuíram ao longo de quatro anos, por meio das disciplinas e debates, para o desenvolvimento desta pesquisa.

Aos colegas de classe, em especial a Renata Diniz e Ana Camilla, pela amizade construída que ultrapassa os limites da sala de aula. À Wilma Antunes, Alba Maria e Fernanda Rayana, pelo companheirismo nas atividades realizadas em equipe.

Ao meu grande mestre Cledilson Tadeu, por ajudar no meu crescimento profissional e pessoal.

Ao treinador, professor, e amigo Narciso Fernandes de Maria, pelo respeito e filosofia de vida ensinada através do Taekwondo.

Aos meus alunos que compõem a Orquestra Mirim Padre Inácio, que possuem muito a me ensinar em sua inocência e dificuldades.

Aos meus amigos da Banda Turmalina, Fernando Florêncio, Micias Negreiros, Jessé Andrade, pelo trabalho em equipe.

Aos amigos Gustavo Alencar, Ronald Oliveira, Noaldo Aires, Allan Sales, Ricardo Silva, Aristoteles Junior, Felipe Malheiros, Auberi Vital e Sávio Mateus por estarem presentes.

“Se algum dia encontrar o Walt Disney,
também lhe trato da saúde.”

João Melo

COLONIZAÇÕES DA MENTE EM “O DIA EM QUE O PATO DONALD COMEU PELA PRIMEIRA VEZ A MARGARIDA”: UM OLHAR PÓS - COLONIAL

Robson Roldão*

RESUMO

Os estudos pós-coloniais têm evidenciado que mesmo após a independência os países ex-colonizados mantêm certos hábitos da cultura colonizadora, e este aspecto é o que aqui chamaremos de colonização da mente. E o que dizer sobre as representações destes aspectos na literatura contemporânea? Comportamentos, vestimentas, escolhas, atitudes, são evidências de que a cultura imperialista ficou enraizada nas mentes de personagens representados pelos autores. João Melo, autor e jornalista angolano, é referência autoral quando a temática é sátira, e representação do povo angolano. Diante disso, o nosso estudo busca demonstrar como este autor traz em sua arte literária a figura do angolano rememorada no cotidiano de seu país, enquanto cria cenários, contextos e personagens que tentam fugir do fantasma da colonização criando uma cultura de identidade forte, mas que continuam demonstrando resquícios de uma cultura devoradora que permanece em seu país e seu povo. Para aplicação das teorias de pós colonialismo e colonização da mente revisadas, foram selecionados os contos *O pato revolucionário e o pato contra-revolucionário*, *Maria* e *O dia em que o Pato Donald comeu pela primeira vez a Margarida*, todos presentes no livro que recebe o mesmo nome que o último conto citado. Foram destacados e analisados aspectos como a força do capitalismo e o limite de fronteira, construções de identidades e o consumismo Norte-Americano.

Palavras-Chave: Pós-Colonialismo. Colonizações da mente. João Melo.

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho é uma análise interpretativa de três contos selecionados do livro *O dia em que o Pato Donald comeu pela primeira vez a Margarida* do escritor angolano João Melo, sob um olhar pós-colonialista, fundamentado nas teorias que tratam sobre colonizações da mente.

São objetivos desta pesquisa: introduzir uma noção sobre o pós-colonialismo, colonizações da mente, com ênfase na literatura. Realizar um breve estudo sobre a literatura angola e seus diversos momentos. Apresentar um pouco do trabalho realizado por João Melo. Apresentar a obra analisada com aspectos gerais para depois fazer uma análise aplicando a revisão bibliográfica de colonizações da mente nos contos *O pato revolucionário e o pato*

* Aluno de Graduação em Letras Língua Portuguesa na Universidade Estadual da Paraíba – Campus I.
Email: robson_roldao@hotmail.com

contra-revolucionário, Maria, O dia em que o Pato Donald comeu pela primeira vez a Margarida (conto este que tem o mesmo título do livro)

O artigo foi dividido em cinco partes: A primeira contém a fundamentação teórica sobre pós-colonialismo, baseada nos textos de Bonicci(1998), Souza(2015), Ferreira(1987), Pélissier(1986) e Leite(2012). Na segunda parte temos a fundamentação sobre colonizações da mente, baseada nos textos de Quijano(2005), Hall(1999), Saigh (2007), Thiong'o(1997), Memmi(2007), Hamilton(1999) e Tútikian(2006). Na terceira parte, fizemos um percurso na história da literatura angolana, baseados em Ervedosa (1979), Santilli (1985) e Bonicci (2000), em seguida, uma apresentação do autor João Melo e do livro que escolhemos como corpus para nossa análise. Por último, a análise dos contos escolhidos.

A metodologia utilizada foi a pesquisa bibliográfica, enriquecida com interpretação e conhecimentos prévios.

2 PÓS-COLONIALISMO

Autores tradicionais, definindo pós-colonialismo, usam o termo “colonial” para descrever o período pré-independência e os termos “moderno”ou “recente” para assinalar o período após a emancipação política. Embora não haja um consenso sobre o conteúdo do termo “pós-colonialismo”. (BONICCI, 1998)

A citação em epígrafe leva a perceber que o pós-colonialismo acarreta todo um processo de construção de uma identidade formada por outros processos, como o de colonização e descolonização. Ele estuda os efeitos que os colonizadores deixaram nos países em diversos campos como política, filosofia, artes, economia, política e diversas áreas da vida pública e privada, “vícios” detectados no texto literário.

Voltando um pouco no tempo devemos começar tratando do processo de colonização nos países africanos compreendendo,

...não ser pacífica nem desejável a instalação de possíveis “descobridores”, nem tão nobres assim os objetivos que os levavam às terras desconhecidas, já que ambicionavam principalmente, matérias primas e metais preciosos. Assim, a partir do século XV, o portugueses portaram na costa africana, com vistas ao descobrimento do potencial econômico ali existente.(SOUZA, 2015)

Desta forma, podemos entender que o colonialismo foi o processo de dominação exercido pelos invasores sobre os naturais da terra, explorando e negociando os bens da terra, impondo a religião e a língua trazidas do continente europeu ao mesmo tempo em que

proibiram as práticas já existentes na terra colonizada; utilizando mulheres e homens muitas vezes para satisfação de necessidades sexuais, os invasores, no caso de Angola os portugueses, agiam tentando sufocar a identidade e a tradição locais.

Importante para discussão neste trabalho é o racismo, marca do colonialismo que se mantém apesar da luta pela descolonização. O preconceito racial coloca o colonizado em condição de subserviência e de dependente do colonizador. O colonizador europeu inviabilizou qualquer hipótese que o africano possuía de ascender durante o processo de dominação. Com a descolonização as sociedades não têm contemplado toda a comunidade antes explorada, mantendo-se ainda bolsões de miséria e condições sub-humanas de sobrevivência. Observa-se, ainda, um ranço colonialista pronunciado e uma forma de governar para a minoria, mantendo-se o pobre cidadão num estado de indignidade digno da antiga colônia.

O escritor Manuel Ferreira considera o colonialismo como um marco divisor na literatura de países africanos:

Os cuidados e os esmeros do sujeito enunciador são os de organicamente moldar o enunciado com os ingredientes significativos e representativos da especificidade africana. Se colocados lado a lado dois textos, um de literatura colonial e outro de literatura africana, é como se procedêssemos a uma justaposição de brusco contraste. (FERREIRA, 1987, p. 13-14).

De acordo com Ferreira, a literatura africana de antes da descolonização é chamada de literatura colonial, e só após a descolonização essa literatura pode ser considerada “africana”. Fica assim caracterizado, já que durante o período colonial os textos publicados exaltavam o homem europeu como o herói mítico, portador de uma cultura superior. Após a independência esses textos mudaram de foco, e o mundo africano passou a ser narrado por outra ótica, sendo o africano tratado com privilégio no espaço linguístico do texto, sem excluir o personagem europeu, sendo ele de características positivas ou negativas.

Antes de um aprofundamento no pós-colonialismo, ainda é necessário discutir o processo de descolonização.

A independência política dos países africanos se deu através de uma série de lutas por muitas vezes sangrentas que deixaram marcas na história desses países. Como diz Pélissier (1986, p. 19), a luta de libertação de Angola era “o resultado de uma longa série de guerras”. Em seu texto, o autor vai mostrar que desde 1941 Angola já apresentava forte resistência à opressão imposta pelos colonizadores, mas Portugal mascarava a situação fingindo estar tudo

bem. Somente em 1961, a luta de independência angolana foi, de fato, reconhecida pela Metrópole, mas apenas em 1975 o povo angolano teve sua independência reconhecida.

O processo de independência foi longo, e maior ainda é o de descolonização. Assim, entramos em uma das maiores problemáticas da nossa pesquisa: saber diferenciar independência de descolonização, já que o primeiro refere-se à soberania política, enquanto o segundo é um processo ainda mais longo, gradual e diferenciado e que é a persistência dos efeitos da colonização, internalizados na própria sociedade colonizada.

Confirmamos nosso levantamento com a citação da escritora Ana Mafalda Leite:

Depois da Segunda Guerra Mundial, o termo *postcolonial state*, usado pelos historiadores, designa os países recém-independentes, com um claro sentido cronológico. No entanto, *postcolonial*, a partir dos anos setenta, é termo usado pela crítica, em diversas áreas de estudo para discutir os efeitos culturais da colonização.” (LEITE, 2012)

Observamos, nesta citação, que já tínhamos estudos pós-coloniais sendo realizados após a segunda guerra mundial. Por volta dos anos quarenta este termo foi utilizado para denominar países recém-independentes, o que mostra um atraso para os países africanos colonizados por Portugal, que, como citado anteriormente, só tiveram suas lutas de independência iniciadas nos anos sessenta. Já outro autor, Thomas Bonicci(1998), reforça o que foi citado anteriormente por Ana Mafalda Leite:

A crítica pós-colonialista é enfocada, no contexto atual, como uma abordagem alternativa para compreender o imperialismo e suas influências, como um fenômeno mundial e, em menor grau, como um fenômeno localizado.(BONICCI, 1998. P.9)

Bonicci mostra que a crítica pós-colonialista é uma corrente que abrange do maior ao menor caso, podendo estudar as consequências do imperialismo por si só, sem necessariamente utilizar um lugar, ou país como objeto de estudo, podendo também, estudar o que o imperialismo deixou em lugar ou país, mesmo sem a presença do antigo colonizador, utilizando a literatura de países africanos, antigas colônias de países europeus.

Nas obras literárias estudadas vamos observar contextos, cenários e personagens que trazem consigo a herança do colonial, mesmo que não intencionalmente. Para a análise pretendida é mister a discussão de um tema presente no pós-colonialismo: colonizações da mente.

3 COLONIZAÇÃO DA MENTE

O estudo sobre colonização da mente caminha por vários segmentos, que podem ser observados e comprovados tanto utilizando o comportamento e pensamento de um único indivíduo, como também para analisar o cânone literário e sua predominância e preferência por textos europeus. Servindo para os dois exemplos supracitados Aníbal Quijano traz uma definição de eurocentrismo que pode iniciar nossa discussão: “uma específica racionalidade ou perspectiva de conhecimento que se torna mundialmente hegemônica, colonizando e sobrepondo-se a todas as demais (QUIJANO, 2005, p. 116).

Para reforçar nossa tese da influência do colonizador ao colonizado temos a seguinte citação:

A medida que as culturas nacionais tornam-se mais expostas a influências externas, é difícil conservar as identidades culturais intactas ou impedir que elas se tornem enfraquecidas através do bombardeamento e da infiltração cultural (HALL, 1999, p.74).

Seguindo este raciocínio mostraremos como a cultura imperialista europeia se impõe sobre os países colonizados, deglutindo a cultura local, expandindo-se e firmando raízes que permanecem nas mentes dos agora ex-colonizados, refletindo nos seus modos de vida e na sociedade em questão.

Fugindo do continente africano, podemos observar que na nossa história de colonização e descolonização também é muito forte e presente a colonização da mente. Em artigo publicado em Encontro – Revista de psicologia, a pesquisadora Yeda Alcide Saigh (2007) traz o seguinte levantamento:

Considerados os conquistados, ainda na experiência das ditas grandes conquistas dos séculos XIV e XV, há aspectos que não se podem deixar levar em conta: os povos derrotados foram dizimados, a maioria dos índios morreu por doenças trazidas pelos estrangeiros e, o que me parece muito importante, perderam a voz. Não a tivessem perdido, a história das conquistas que conhecemos teria outros heróis e, provavelmente, outras vítimas.(SAIGH, 2007).

Diante deste trecho, não podemos deixar de levar em consideração a forma como a colonização europeia se firmou na América, e como ficou registrada na história. Como foi bem salientado pela autora, um lado, um olhar diferente de um mesmo acontecimento foi apagado, e graças a isso, tivemos uma cultura colonial totalmente eurocêntrica, que foi

enraizada e mesmo antes, durante e após a independência dos países ameríndios, refletiu diretamente em vários aspectos, sendo um deles a literatura local, fazendo com que nossos textos literários fossem uma miscigenação dos nossos aspectos naturais com o herói europeu. A mentalidade colonialista limitou a produção do conhecimento, fazendo com que os autores ex-colonizados se interessassem pelas literaturas europeias, esquecendo nomes, histórias e lugares que ficaram esquecidos até mesmo dentro de seu contexto local.

Voltando para o continente africano e fazendo ponte do mais amplo para o mais específico, podemos olhar um pouco para a divisão linguística e a marginalização das línguas africanas. Estas tem seu valor político e cultural ignorados, na maioria das vezes, pelas autoridades locais que têm preferência por línguas europeias presentes no continente. Segundo Ngugiwa Thiong'o (1997), a divisão linguística presente no continente africano, entre as línguas europeias, consideradas superiores, desenvolvidas e modernizantes, e as línguas africanas, tidas como atrasadas, subdesenvolvidas e precárias, é sintomático de um processo de colonização mental que afeta o continente mesmo após o fim do colonialismo propriamente dito. Segundo Memmi (2007), a língua do colonizado sempre foi desvalorizada e esmagada. O fato das línguas africanas serem predominantemente orais contribuiu para a ascensão do português como língua oficial. Daí começamos a perceber como o colonizador saiu da África, mas não saiu da mente da população, e dos governantes africanos, começando a construir na nossa pesquisa o perfil de uma mente colonizada.

Deve-se reconhecer que não há somente a literatura africana escrita em língua portuguesa, mas também a literatura escrita em língua nativa. Existe dentro do texto literário africano a inserção de elementos da oralidade como forma de preservação da memória que se concretiza em tradição escrita. Assim, a literatura funciona como elemento vinculador da identidade das ex-colônias portuguesas na África.

“O escritor que se autodenomina, angolano, moçambicano, cabo-verdiano, guineense e são-tomense propõe a reflexão sobre “novas estruturas transregionais, transnacionais, translinguísticas e, como consequência, transculturais” (HAMILTON, 1999, p. 22). Assim, percebemos que não há uma sociedade homogênea, existindo a interação de diversos grupos sociais, e que nem sempre convivem de forma pacífica.

As narrativas produzidas no período de emancipação na África de língua portuguesa são uma tentativa de fortalecimento das identidades locais e tornaram-se elementos de resistência e de fundamental importância na mobilização de povos, “até porque a literatura é fonte de cultura e cultura é fonte de identidade” (TÚTIKIAN, 2006, p.15).

Desta forma, concluímos que a movimentação pró-independência surgida na segunda metade do século XX, em países como Angola, por exemplo, fez surgir uma grande utopia libertária que passou a ser o mote para o construto identitário. O que percebemos, entretanto, foi que, após a descolonização, talvez fosse melhor dizer: desocupação física do território, uma crise identitária ecoou em terras do sul da África. Depois de décadas sob o jugo colonial, o próprio sujeito precisa reconhecer e legitimar a si próprio. Estas imposições feitas pelo colonizador não são leis, mas estão absorvidas pelos habitantes do país, tendo eles vivenciado o período colonial ou não, interferindo diretamente no seu modo de agir, de pensar e de entender a realidade de seu povo, de sua cultura e de seu país dentro do cenário mundial. Surge agora a necessidade de introduzirmos um pouco da literatura angolana e do nosso autor que servirá de objeto de estudo.

4 A LITERATURA DE IDENTIDADE ANGOLANA

Os autores angolanos sempre estiveram na linha de frente no combate pela libertação e pela dignidade do homem angolano, criando uma literatura voltada à luta sóciopolítica. A literatura angolana era marcada pela oralidade, e só a partir dos primeiros escritos pode-se ter conhecimento sobre o assunto. Carlos Ervedosa(1979) afirma que um dos primeiros registros desta literatura oral foi feito por Saturnino de Souza e Oliveira e Manuel Alves de Castro Francina no livro *Elementos gramaticais da língua Nbumdu*, editado em 1864, no qual publicaram vinte provérbios na língua Kimbundu (língua originária da região de Luanda e do centro norte de Angola).

A literatura angolana era constituída por lendas, contos, fábulas, provérbios, enigmas, todos criados pela cultura popular e transmitidas oralmente, pois a população de Angola não conhecia a escrita. A escrita em Angola só começou a se desenvolver a partir do séc. XIX já com a presença e influência do colonizador. Esse atraso é justificado pelos interesses de Portugal com o país colonizado, que, inicialmente, era a procura de mão-de-obra escrava para a extração de riquezas naturais. Para os portugueses, os africanos eram incivilizados e inferiores.

De acordo com Santilli (1985, p. 9), até o séc. XIX, metade dos angolanos não sabiam nem ler nem escrever, o que justifica o atraso do surgimento das obras literárias escritas por angolanos. Então, nos séculos anteriores, a literatura angolana resumiu-se ao que conhecemos como literatura de viagem. Os portugueses em suas poesias, crônicas e historiografias davam seu testemunho sobre a “África Bárbara”.

Durante o século XIX, houve o surgimento dos periódicos. Mesmo não tendo uma grande duração, estes tiveram um papel importante na criação de uma literatura nacional, através do pensamento crítico e de manifestações literárias escritas por brancos nascidos em Angola, surgiram as ideias que serviram para a busca de identidade angolana. Como afirma Thomas Bonicci (2000, p.13), a literatura angolana, por muito tempo, foi apenas uma extensão da metrópole com a presença forte do europeu.

Este período de teve grande importância para a literatura angolana, pois começa a surgir uma literatura nacional. Alguns autores começaram a escrever sobre as características únicas da África colonizada, trazendo temas voltados para a busca de uma identidade nacional, mostrando a riqueza cultural da sociedade angolana.

De acordo com Thomas Bonicci (2000, p.13), a próxima fase da literatura de um país colonizado envolve textos que rompem com os padrões ditados pela metrópole. Essas literaturas dependiam de um poder restritivo e da apropriação da linguagem escrita.

O vermelho revolucionário das papoilas dos trigais europeus, encontraram-no, os poetas angolanos nas pétalas de fogo das acácias, e a cantata singeleza das violetas, na humildade dos “beijos-de-mulata” que crescem pelos baldios ao acaso. Os seus poemas trazem o aroma variado e estonteante da selva, o colorido dos poentes africanos, o sabor agridoce dos seus frutos, e a musicalidade nostálgica da marimba. Mas vem também palpitante da vida, com o cheiro verdadeiro dos homens que trabalham, o gosto salgado das suas lágrimas de desespero e a certeza inabalável na madrugada que sempre raia para anunciar um novo dia. (ERVEDOSA, 1979, p.14)

Podemos perceber que houve um período da literatura angolana, marcado por poetas que se utilizavam da simbologia das figuras de linguagem oferecidas pela terra de Angola para construir suas narrativas. Neste período se inscreveu uma atividade literária com fortes implicações ideológicas: reconhecemos uma identidade que se queria nacional e libertadora.

Nas décadas de 60 e 70, os movimentos contra a colonização continuaram e ganharam mais força devido à criação do MPLA – Movimento pela libertação de Angola (1956) ao qual muitos escritores estavam ligados, sofrendo acusações da metrópole por terem ideias subversivas pelo regime português. No início dos anos setenta, a independência já é anunciada, havendo uma grande alta nas atividades literárias de Angola. A Independência angolana ocorre em 11 de novembro de 1975, após anos de enfrentamento de militância, no qual a literatura assumiu um papel importantíssimo na tomada de consciência das tradições apagadas pelo colonizador. Como resultado disso, foi criada a UEA – União dos Escritores Angolanos, que até os dias de hoje põe em circulação as produções literárias dos escritores angolanos, além de resgatar obras silenciadas no regime colonial.

Nesse cenário, emerge uma literatura comprometida com uma afirmação de identidades que represente os diferentes grupos étnico-culturais angolanos. Dentre vários nomes que se destacam, está o de João Melo que é o autor que escolhemos para aplicar nossa revisão bibliográfica.

4.1 JOÃO MELO

Além de contista, Aníbal João da Silva Melo é também poeta e jornalista angolano. Nasceu em 5 de setembro de 1955 em Luanda. Iniciando seus estudos em Angola, estudou Direito na Universidade de Coimbra e na Universidade Agostinho Neto em Luanda. Não concluindo este curso, licenciou-se em Comunicação Social na Universidade Federal do Rio de Janeiro, onde tirou o mestrado em Comunicação e Cultura. Dirigiu vários meios de comunicação angolanos, estatais e privados. Membro fundador e secretário geral da UEA. Um dos grandes nomes representativos da poesia em Angola, é autor dos seguintes títulos: *Definição*(1985); *Fabulema*(1986); *Poemas Angolanos* (1989); *Tanto Amor* (1989); *Canção do nosso tempo* (1991); *O caçador de Nuvens* (1993); *Limites e redundâncias* (1997); *A luz mínima* (2004); *Todas as palavras* (2006); *Autorretrato*(2007); *Novos poemas de amor* (2009); *Cântico da terra e dos homens* (2010). Além das publicações de livros de poemas, João Melo também publicou alguns livros de contos, são eles: *Imitação de Sartre e Simone de Beauvoir* (1998); *Filhos da Pátria* (2001); *The Serial Killer e outros contos risíveis ou talvez não* (2004); *O dia em que o Pato Donald comeu pela primeira vez a Margarida* (2006); *O homem que não tira o palito da boca*(2009); *Os marginais e outros contos* (2013).

Figura 1: João Melo



Fonte: *O dia em que o Pato Donald comeu pela primeira vez a Margarida* (2006)

Em suas obras, João Melo conduz a uma incrível viagem pelas histórias do cotidiano angolano. O autor investiu na autenticidade afro-angolana, através do tema ideológico-político. João Melo apresenta histórias de existências vividas sob a angústia e tensão em meio a miséria, contexto que se deve à herança colonial, acentuada pela elite que governou o país nos primeiros tempos de independência, aspecto também potencializado pelo complexo momento histórico contemporâneo. Em diversos de seus contos podemos identificar marcas coloniais e neo-coloniais da sociedade angolana contemporânea.

4.1.1 O dia em que o Pato Donald comeu pela primeira vez a Margarida

O dia em que o Pato Donald comeu pela primeira vez a Margarida (2006) é o nome dado a um conto que intitula também o quarto livro de contos do escritor João Melo. Já pelo título, podemos perceber a sobrecarga de humor explícito que perdura em todos os contos que compõem o livro. Algo que se faz presente não somente neste livro, mas em toda a obra de João Melo, é a crítica social em forma de ironia.

João Melo se apropria de termos em francês e em inglês para ironizar mitos da cultura norte-americana, como já percebemos desde o título. Esse ponto será discutido de forma mais aprofundada no decorrer desta análise. Como já citado no tópico anterior, assim como na maioria das obras de João Melo, encontramos nesse livro vários temas ligados à contemporaneidade e principalmente à globalização cultural, temas que serão de suma importância para que possamos observar nossos personagens. Desse modo, a crítica presente neste livro encontra-se desde a caracterização dos personagens até a composição dos lugares.

Na capa, lemos a temática a ser explorada pelos contos. Como ilustração para o livro, temos o Pato Donald, personagem de Walt Disney, e uma moça com laços de fita que se assemelham aos utilizados por Margarida, também personagem de Walt Disney.

Figura 2: Capa do Livro *O dia em que o Pato Donald comeu pela primeira vez a Margarida*, (2006) do autor João Melo.



Fonte: Capa do livro

Através desta capa, e da leitura dos contos conclui-se que por todo o livro permearão questões de hibridez cultural, e do desmanche de fronteiras do mundo globalizado.

Algo que não podia deixar de ser mencionado em algum momento nesta pesquisa é a posição do narrador criado por João Melo. O narrador emite juízos de valor sobre a história que conta e sobre os personagens. Reforça a todo instante a incerteza sobre aquilo que dizem. Variam entre primeira e terceira pessoa, e muitas vezes confundem o leitor mais do que ajudam. A ironia e o humor marcam a intenção desses narradores de lidarem sempre com incertezas, com falsas pistas, com indecisões. Essas estratégias de narrativa enfatizam uma característica importante deste livro, que é a de deixar o leitor sempre indeciso sobre o que acontecerá.

A escritora Ligia Chiappini Moraes Leite (1997), fazendo uso da tipologia de Norman Friedman, vai chamar esse tipo de narrador como “narrador onisciente intruso”, explicando que este tem a liberdade de narrar à vontade para além dos limites de tempo e espaço. “Seu traço característico é a intrusão, ou seja, seus comentários sobre a vida, os costumes, os caracteres, a moral, que podem ou não estar entrosados com a história narrada.”(LEITE, 1997,p.27)

No primeiro conto do livro, intitulado “O usurpador”, ficam claras as características que citamos anteriormente, no qual o narrador tenta introduzir o personagem protagonista:

Antes de proceder a grande revelação que lhes reservei – passe a imodéstia -, devo informá-los, a fim de salvaguardar a honestidade intelectual do narrador(não se riam, por favor!), que, qualquer que seja a opção de cada um, em termos de pronúncia da

designação acima anunciada, apenas estão autorizados a conhecer este nome: Mister X. Mais nenhuma outra identificação será acrescentada e muito menos quaisquer outros detalhes, perfeitamente inúteis na voragem incaracterística e global do mundo actual, tais como filiação, origem, naturalidade e até mesmo sinais particulares.(MELO, 2006, p.11-12).

Podemos observar como este narrador se apresenta de forma intrusa, acrescentando ao texto informações que muitas vezes apenas intrigam o leitor sobre sua utilidade, nos levando a dúvidas e indecisões acerca do que é e do que deixa de ser ficção.

5 COLONIZAÇÕES DA MENTE EM “O DIA EM QUE O PATO DONALD COMEU PELA PRIMEIRA VEZ A MARGARIDA”

Partimos agora a aplicação de nossa revisão bibliográfica no livro que escolhemos como corpus da pesquisa. Devido ao carácter do gênero textual que produzimos, preferimos fazer uma seleção entre os contos publicados no livro do autor angolano, para assim aprofundarmos um pouco mais a análise sem ultrapassar o tamanho permitido pelo gênero. A seleção dos contos foi feita através da leitura e interpretação de cada um deles, e escolhidos pelos temas que apresentam. Dividimos a análise em três subtópicos, um para cada conto escolhido por ordem de disposição no livro. São eles: *O pato revolucionário e o pato contra-revolucionário*(p. 33), *Maria* (p. 75), e por último o conto que dá título ao livro, *O dia em que o Pato Donald comeu pela primeira vez a Margarida* (p. 95).

5.1 FRONTEIRAS POLÍTICAS EM O PATO REVOLUCIONÁRIO E O PATO CONTRA-REVOLUCIONÁRIO.

Pretendemos aqui, com base nos conceitos feitos nos tópicos anteriores sobre pós-colonialismo e colonizações da mente, analisar as marcas colônias presentes na narrativa do conto *O pato revolucionário e o pato contra-revolucionário*(2006). Este, como o autor afirma, tem uma natureza quase pós-moderna inserida no período em que Angola tentava se libertar da dominação portuguesa nos anos 1960, e nos anos 1990. A trama gira em torno de uma charada aparentemente ingênua que indaga a quem pertenceria um ovo colocado por um pato na fronteira entre um país “socialista” e outro capitalista. É uma estória construída sobre uma situação absurdamente cômica na colocação de pressupostos ideológicos entre um guerrilheiro angolano, do MPLA(Movimento Popular Pela Libertação de Angola), e o camarada Chung Park Lee, da Coréia do Norte, onde o primeiro fora fazer um treinamento.

Para iniciar seu conto, João Melo já nos mostra a identidade e/ou os elementos identitários do povo angolano através da sátira:

Os angolanos, além de gostarem de makas, de farrar até de manhã, de chegar tarde aos seus compromissos e de usar e abusar do humor, inclusive contra eles mesmos, também sempre foram pós-modernos *avant la lettre*. Iconoclastas, não levam nada demasiado a sério, chegando ao ponto de abandalhar – este termo pode ser pouco literário, mas, enfim, o que fazer, se o próprio escritor é angolano? – completamente as lições, os modelos e as regras que o mundo tem tentado, desde sempre, impor-lhes. A história contemporânea está cheia de exemplos que confirmam a profunda e multiforme irresponsabilidade dos angolanos. (MELO, 2006, p.33)

O texto citado acima é o primeiro parágrafo do conto e já podemos perceber o quão importante é a construção da identidade nesta narrativa. O próprio autor recorre à história para justificar a “irresponsabilidade dos angolanos”, tecendo comentários a respeito das “prodigiosas” operações de engenharia social realizada pelos angolanos: transformar o socialismo marxista-leninista e o capitalismo liberal em, respectivamente, afro-estalinismo e capitalismo selvagem. (MELO, 2006. p. 35). Vale lembrar que Angola é um estado-socialista, que foi estabelecido em 1975 depois que conseguiu a independência de Portugal. O MPLA governava o país e foi responsável pela adoção do comunismo com relações amigáveis com a União Soviética e Cuba. Graças a um grupo de oposição, conhecido como UNITA (União Nacional para a Independência total de Angola), Angola enfrentou uma guerra civil entre os dois partidos já que este último tinha o apoio da África do Sul e dos Estados Unidos. Podemos acreditar que quando João Melo chama esta manobra feita pelos de engenharia social (questões ideológicas), ele quis mostrar sua desilusão com os sistemas políticos mencionados. Observamos a crítica que o autor faz à forma como a mente colonizada dos angolanos absorveu as influências sociopolíticas das outras nações desde o período de luta pela independência e durante o período pós-colonial de guerra civil, já que mesmo conseguindo a libertação de Portugal, estaria agora preso a outros sistemas de outras nações. Ao contrário desta afirmação em que João Melo infere que os angolanos “sempre foram pós-modernos *avant la lettre*”, seu conto evidencia as relações desiguais de poder entre centro e periferia que são marcas do capitalismo. Podemos afirmar, a respeito do conto sob investigação, que a crítica de João Melo dirige-se não às ideologias em questão, liberalismo ou marxismo, mas aos desvios e perversões que sofreram, sobretudo o marxismo.

Voltando à indagação feita por Pedro Muanza Agostinho, guerrilheiro angolano, a Chung Park Lee, militar da Coreia do Norte: se um pato puser um ovo em cima da fronteira entre a Coreia do Norte e a Coreia do Sul, a quem pertence o ovo? Depois de um bom tempo

de *makas* (discussão, bate-boca) entre esses dois personagens, a conclusão a que se chega é um espelho da identidade angolana descrita pelo autor no primeiro parágrafo do conto: pato não bota ovo. Esta pergunta apenas refletia a comicidade e o desrespeito ao povo angolano.

Se de início João Melo caracteriza o povo angolano como irresponsável, já no segundo parágrafo o narrador comenta também outra característica comum aos naturais de Angola: abandonar as lições que “o mundo tem tentado, desde sempre, impor-lhes” (MELO, 2006, p. 33). Talvez as tais características sejam, na realidade, instrumentos de defesa contra as regras de alienação que lhes foram impostas e movimento de resistência ou subversão às regras dominantes.

Após concluir a primeira parte da narrativa que se passa em 1960, O narrador salta para 1990 para mostra como cada um dos personagens se encontrava. O militar Chung Park Lee convicto de seus ideais comunistas, acabou se tornando alto-executivo em uma empresa sul-coreana, que o enviou para Angola para dirigir negócios. Já Pedro Muanza Agostinho, mesmo com sucesso na luta militar contra o colonialismo, não conseguiu “tornar-se um dos neo-capitalistas do país” já que lhe faltou coragem para “meter a mão na massa estatal e tornar-se igualmente proprietário privado, como alguns antigos revolucionários” (MELO, 2006, p. 41). Neste final cômico, pudemos observar como as políticas econômicas e sociais ultrapassam os limites de fronteiras em forma de colonização da mente, atentando para a força destruidora que o autor nos mostra do “capitalismo selvagem”, no qual nem o militante mais convicto dos ideais comunistas escapou, sendo absorvido pelo “mundo do dinheiro” virando um empresário. Já do outro lado, o narrador nos mostra o Jovem Pedro Muanza Agostinho que não tendo coragem de também virar um empresário, coragem que alguns outros revolucionários angolanos aprenderam a ter está relacionada a fazer totalmente o contrário daquilo que o socialismo marxista proposto pelo MPLA pedia: meter a mão na massa e tornar-se também proprietário privado.

5.2 CONSTRUÇÕES DE IDENTIDADE EM MARIA

Avançando para a análise do segundo conto, pretendemos agora encontrar marcas pós coloniais na narrativa “Maria” (MELO, 2006. p. 75). Este é um entre vários dos contos deste autor que estabelece uma relação entre literatura e meio social muito forte, e este, em especial, trará consigo uma boa problematização sobre a construção da identidade de um indivíduo.

No primeiro parágrafo, o narrador introduz um personagem avisando de antemão que este não teve um dos melhores finais possíveis, antes mesmo de apresentá-la ao leitor. A

experiência de ler a descrição de um personagem que comete suicídio, é algo que desperta diversas emoções no leitor, visto o envolvimento deste com a trama e o impacto do reconhecimento de que a morte foi o fim escolhido pelo personagem em questão. No caso do conto aqui analisado, deparamo-nos com um personagem que será apresentado, após sabermos que o mesmo cometeu suicídio, o que desperta no leitor a curiosidade de a cada linha do texto descobrir mais sobre este personagem.

“Maria é um nome sem uma identidade exclusiva e fechada em si mesma”, afirma o narrador intruso ao começar a apresentar a personagem. “Toda a gente, seja qual for a sua origem, o seu estatuto ou até mesmo a sua localização na imensidão do planeta que habitamos, pode ser Maria.” (MELO, 2006. p.75). Durante alguns parágrafos o narrador justificará sua tese de que este nome aparece em vários contextos por todo o mundo, sejam eles religiosos ou sociais, mas por ter se espalhado tanto “não tem uma cara própria”. A origem deste nome é incerta, e nosso autor o empregou de forma perfeita para caracterizar uma personagem que não possui identidade nem no nome. Chegamos ao nosso primeiro aspecto de colonização da mente neste conto: independente da origem e processos de formação que este nome tenha passado, quando nos detemos ao nosso espaço linguístico e observamos a forma que este nome está grafado, é sabido que ele não é originário de Angola e provavelmente foi neste país introduzido através dos colonizadores. Podemos, assim como o narrador, indagar sobre a nacionalidade de Maria e se ela não levava consigo um nome próprio de seu país de origem, mas essa hipótese é descartada quando o narrador afirma que “Maria era uma angolana genuína”, após deixar bem claro que este nome foi levado para Angola pelos marinheiros portugueses quinhentistas. (MELO, 2006, p.79). Neste ponto, podemos observar a presença da cultura do colonizador presente nos habitantes de Angola, que mesmo livres e com uma quantidade incontável de nomes próprios que podem ser dados a uma criança quando nascem, optam por manter nomes que foram trazidos e difundidos pelo colonizador e permanecem enraizados na cultura local miscigenada, a ponto de até ser motivos de dúvida se é local ou se faz parte da cultura imposta pelo imperialismo português. Após essa discussão de nomes, podemos saber que se Maria passou por crises identitárias e sofreu com os resquícios da cultura colonialista ainda presa na mente dos angolanos, tudo pode ter começado pela escolha de seu nome.

Assim como o narrador, podemos questionar o que seria ser genuinamente angolano? A pergunta se aplica a diversas outras nacionalidades, que também passaram pelo período colonial, que sofreram e sofrem tantas ambiguidades e confusões históricas.

Em seguida, o narrador intruso assume sua parcialidade passando a narrativa agora para a primeira pessoa, dando voz para que sua personagem se apresente:

- A minha vida é uma contradição só. Eu sou negra – pelo menos essa é a raça que consta no meu bilhete de identidade -, mas tenho olhos verdes; sou mulher, mas jamais tive um envolvimento amoroso com qualquer homem; sou angolana, mas não gosto de funge, de semba ou de kizomba, não penso que a seleção de futebol mereça ir à copa da Alemanha e considero os moçambicanos uns tipos simpáticos, apesar de muitos deles morrerem de frustração, por não serem iguais aos sul-africanos brancos de origem inglesa.(MELO, 2006, p. 80)

Através desta citação em que a personagem Maria se auto introduz no conto, podemos observar como a identidade da personagem é influenciada pela força da cultura imperialista, e da cultura de resistência criada pelos angolanos contra os colonizadores. Geneticamente, seria improvável que uma mulher de descendência totalmente angolana, nascesse negra de olhos verdes. Em suas características físicas, percebemos que Maria sofria crises por não pertencer a um único povo; a tonalidade de sua pele revelava a sua descendência africana, enquanto a cor verde em seus olhos representava a presença europeia em seu sangue. Podemos interpretar que esta além de uma contradição física, é também uma metáfora feita pelo autor para mostrar como a cultura europeia foi absorvida pelo país colonizado. Temos a certeza de que Maria, geneticamente falando, é angolana e portuguesa.

Nessa mesma fala ainda podemos destacar diversos conflitos culturais vivenciados por Maria; “...sou angolana mas não gosto de funge, de semba ou de kizomba...”. Funge é o alimento típico mais famoso de Angola, semba é um dos estilos musicais mais famosos, enquanto kizomba além de estilo musical é também uma dança muito popular no país. Ou seja, todos esses, listados por Maria, são elementos fortes da cultura angolana, que ela, como angolana, não consegue gostar; isso nos mostra que este personagem não consegue se identificar com aquilo que é próprio de seu país, mesmo que esta seja a forma que Angola encontra para fortalecer sua cultura. Maria ainda nos mostra que não pensa que a seleção angolana deva participar da copa da Alemanha; mesmo que possa ser interpretado como uma aversão ao futebol, é sabido que todo bom patriota quer ver seu país sendo representado em competições internacionais. Talvez, isso nos mostre que Maria também apresente uma ausência de patriotismo e nacionalidade. Ao analisar as culturas distintas entre Angola e Moçambique, vemos que o povo moçambicano difere do angolano em sua simplicidade e simpatia, enquanto os angolanos gostam de dançar e “não levam desaforo pra casa”. Maria utiliza desta informação para mostrar admiração pelo povo moçambicano quando fala que

considera “os moçambicanos uns tipos simpáticos”, reforçando ainda mais que não se identifica com a cultura de resistência angolana.

Em 1975, o MPLA proclamou a independência. Eu tinha então vinte anos. Fui dos raros jovens que não abandonou os estudos, nem ingressou na política. Aquilo que se chamava, na época, Revolução, inspirava-me um medo difuso, é certo, mas palpável e concreto, quase carnal. (MELO, 2006, p. 81)

Na citação acima, Maria relata como foi sua experiência com o processo de Independência. Percebemos como este personagem estava acomodado com a situação de colonização, e não deixou que a independência interferisse em seu modo de vida, continuando com seu foco nos estudos, interesse adquirido durante o regime colonial e das imposições desse governo.

Mais à frente em seu depoimento, Maria mostra sua insatisfação com a consciência tomada pelo povo angolano:

Outro fenômeno inexplicável, para mim, é o facto de, após o fim da guerra, muita gente ter começado a alimentar angústias literalmente esdrúxulas, para não dizer mórbidas, tais como contabilizar quantos ministros, escritores, desportistas ou milionários pretos, brancos e mestiços existem; ou saber quantos bakongos estão a dirigir departamentos da saúde ou das finanças, assim como quantos ovimbundus são juízes, padres ou bispos. Ao invés disso, melhor seria se os referidos patrulheiros da pobreza étnico-racial do país se preocupassem masé com a incapacidade do governo, a corrupção, a fome e a miséria. (MELO, 2006, p. 81-82)

No trecho acima, podemos identificar além da insatisfação de Maria, a necessidade que o povo angolano sentiu de ver seu povo e sua cultura representados na alta classe, não pensando eles que esta divisão de classes e de profissões bem sucedidas também é resultado de uma cultura colonial que ainda vive nas mentes colonizadas da sociedade angolana. Maria demonstra insatisfação com esse tipo de pensamento, pois pra ela é mais importante refletir sobre a incapacidade do governo de melhorar e de vencer os problemas que foram criados no país devido o processo de independência, e de pós-independência.

5.3 O REFLEXO NORTE-AMERICANO EM O DIA EM QUE O PATO DONALD COMEU PELA PRIMEIRA VEZ A MARGARIDA

Outro tema fortíssimo, neste livro aqui analisado, é o amor entre homens e mulheres e a relação íntima dos seres. Um dos contos que é sobrecarregado com esse tema é o que dá nome ao livro e será aqui analisado.

Em *O dia em que o Pato Donald comeu pela primeira vez a Margarida* (MELO, 2006, p. 95) o escritor explora a motivação erótica de forma curiosa. O erotismo mostra-se “escancarado” explicitando formas de violência relacionadas a encontros fortuitos e ocasionais, quando o corpo procura apaziguar a urgência do sexo. Esta é uma manobra do autor para apresentar relações pelo avesso, contrárias ao senso comum. Desta forma, o erotismo presente neste conto se apresenta de forma crua, expulsando a visão romântica do amor.

É necessário, para melhor interpretação do conto, o conhecimento prévio sobre dois personagens de Walt Disney; são estes: Pato Donald e Margarida.

Figura 3: Pato Donald e Margarida



Fonte: Site “Fique Ligado”

Pato Donald e Margarida são personagens das histórias em quadrinhos de Walt Disney criados na década de 30. Estes dois ficaram muito conhecidos, como casal, por vivenciarem um relacionamento em que a figura feminina tem o controle de quase todas as estórias. Ela, sempre mais sofisticada que ele, muda-o completamente, fazendo com que ele largue seu temperamento explosivo e vire um “pato romântico”. Já ele, mesmo possuindo seus dramas à parte do casal, sempre que está com ela, procura fazer de tudo para conquistá-la. Estes dois,

diferentemente do conto de João Melo, relacionam-se assexuadamente, já que fazem parte de uma coleção de histórias infantis.

João Melo traz em seu conto a jornada de um rapaz que foi predestinado àquele casamento, cresceu com essa ideia e a tomou pra si, crescendo e convivendo com a garota. Desde a infância, o narrador, que agora se apresenta como personagem, conta os momentos que viveu com a moça, desde suas brincadeiras mais ingênuas até as mais peraltas em que conheciam e tocavam seus corpos.

O texto todo é desenvolvido no anseio que este protagonista tem de “possuir” a moça. Ele vivia com o pensamento de que foram feitos unicamente um para o outro, enquanto ela talvez não tenha conseguido entender esse “destino”.

Neste conto há um caso de “casamento arranjado”. Este é um casamento em que a iniciativa de selar a união não parte dos noivos, e sim dos seus pais, ou de outra pessoa responsável. Esta prática era muito comum no passado recente, e era feita por interesses políticos ou financeiros. O casamento arranjado persiste até hoje em algumas sociedades. Angola pode ser citada como um exemplo deste caso, o que não significa dizer que é algo próprio da cultura, mas algo que está fortemente ligado ao comportamento e interesse, podendo ser encaixado dentro da nossa pesquisa sobre colonização da mente.

O único momento do conto em que os personagens de Walt Disney são mencionados é o título, cabendo ao leitor interpretar e conseguir entender porque o autor escolheu utilizá-los. Pela apresentação que aqui fizemos do Pato Donald e da Margarida, ou pelo conhecimento que talvez o leitor possa ter dos personagens, sabemos que eles vivenciam uma relação em que ele é romântico e tenta conquistá-la, enquanto ela é mais superficial e sofisticada, não dando a devida atenção que o pato procurava. Comparando agora os universos diferentes de João Melo e Walt Disney, percebemos que as realidades são as mesmas, pois os dois personagens são esnobados por suas amadas, e diferem-se justamente quando o autor angolano resolve tratar das intimidades destes personagens, algo que o autor norte-americano nunca fez questão de mencionar. Outro ponto convergente entre as duas histórias, é que os dois personagens masculinos são “patos”. Enquanto o personagem de Walt Disney é representado na forma de um pato (ave), o personagem de João Melo é um humano angolano, mas pato por comportamento, considerando que no português pato é sinônimo pejorativo de tolo, tonto, entre outros.

A principal crítica deste conto está na indústria norte-americana. O autor escolheu utilizar a história do Pato Donald como alvo principal, mas elenca em diversos momentos outros elementos da indústria e tecnologia americana; podemos ver isso em trechos como:

A minha estória é conhecida em todo o mundo. Mujimbo que atravessou épocas, em cada uma delas amplificado com novos detalhes. Está traduzida em todas as línguas existentes. Foi levada à cena em tabladros incontáveis. Já deu filme, seriado de TV, VHS, DVD, minidisco, cópia pirata, arquivo de computador, *attachment* enviado pela internet, SMS, em suma, mensagem partilhada desde os primórdios pelo planeta inteiro. (MELO, 2006, p. 95-96)

Neste trecho introdutório da história vemos a quantidade de termos referentes à tecnologia e meios de comunicação são citados pelo narrador, para mostrar além da popularidade a velocidade com que a indústria norte-americana propaga sua mercadoria e que ela está acessível a todos. Então, surge outro ponto de nossa análise: O autor mostra como a vida do Pato Donald pode chegar até Angola, mas Angola não vai até a Disney: “Se algum dia encontrar o Walt Disney, também lhe trato da saúde” (MELO, 2006, p. 99). Olhando por esse aspecto observamos além da velocidade de propagação da cultura norte-americana, a força e persuasão com que ela se dissemina, entrando e se estabelecendo, mesmo que não percebamos, não somente em Angola, mas em todo o mundo. A trama se passa em Luanda mostrando muitos elementos de uma cultura de massa globalizada, mas nada mostra que algo de Angola vá para o mundo, onde percebemos que há um forte exemplo de colonização da mente.

De tanto fracassar, o narrador começa a relacionar-se com sua amada somente através da lembrança que tem de sua calcinha, de modo que, quando ela finalmente aceita um encontro com o rapaz, este não consegue continuar ao perceber que “Ela usava uma cueca amarela, toda rendada. Ah, garina, onde as calcinhas floridas de nossa infância? O meu kinjango murchou. Repentina e irrevogavelmente”(MELO, 2006, p. 101). A calcinha florida tem uma importância tão grande que a relação precisa ser realizada com ela, a ponto de tornar-se mais importante que a pessoa que veste. O desejo de toda a vida do narrador é destinado somente a calcinha, de modo que, se não há mais calcinha, não há mais desejo. Percebemos agora a força da mercadoria dominando até as mais ocultas necessidades humanas, reforçando ainda mais a nossa ideia de que o consumismo é imposto, propagado, e absorvido, colonizando as mentes dos indivíduos.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após feita a revisão bibliográfica, pudemos perceber quão grande e importante é a corrente do pós-colonialismo, e como somente esta teoria se apropriará aprofundadamente de

aspectos específicos da literatura de países ex-colonizados. Pudemos observar também como o aspecto de mente colonizada, mesmo pouco estudado, está presente na literatura universal.

Após direcionarmos nossa pesquisa para o continente, país, autor, finalizando com a obra, obtivemos o conhecimento das sequelas e marcas deixadas por Portugal nos países que colonizou, e como Angola tenta superar estas marcas através de seus autores e sua literatura identitária. Conseguimos introduzir um pouco de João Melo, e observar a crítica velada em sátira que este autor sempre coloca em seus textos.

Ao aplicar nossa revisão bibliográfica no livro “*O dia em que o Pato Donald comeu pela primeira vez a Margarida*”, percebemos o quanto João Melo rompe as fronteiras do mundo globalizado, e como esse rompimento e imposição de culturas refletem nos seus personagens angolanos. Como observamos em “*O pato revolucionário e o pato contra-revolucionário*”, a força do capitalismo na disputa de ideologias que prevaleceu na vida dos personagens. A construção de identidade da personagem Maria que não se identifica com a luta de superação angolana. O poder de propagação do consumismo americano que viaja até Angola através da personagem de Walt Disney.

MIND’S COLONIZATIONS IN “O DIA EM QUE O PATO DONALD COMEU PELA PRIMEIRA VEZ A MARGARIDA”: A POST-COLONIALIST VISION

ABSTRACT

The post-colonialist studies have shown that even after independence the former colonized countries have certain habits of the colonizer culture and this aspect is that here we give the name of the mind colonization. And what about the representations of these aspects in contemporary literature? Behavior, clothing, choices, attitudes, are evidence that the imperialist culture was rooted in the minds of characters represented by the authors. João Melo, author and journalist angolan, is copyright reference when the issue is satire, and representation of the angolan people. Thus, our study seeks to show how the author brings his literary art figure of the angolan recollected the daily life of their country, while creating scenarios, contexts and characters trying to escape the ghost of colonization creating a strong identity culture, but still showing remnants of a ravenous culture that remains in your country and its people. For the purposes of post colonialism theories and colonization of the revised mind, the stories were selected: *O pato revolucionário e o pato contra-revolucionário*, *Maria e O dia em que o Pato Donald comeu pela primeira vez a Margarida*, all in the book that has the same name as the last story quoted. Aspects were highlighted and analyzed as the strength of capitalism and the boundary limit, identity construction and the North American consumerism.

Keywords: Post-colonialist. Mind’s colonizations. João Melo

REFERÊNCIAS

BONICCI, Thomas. **O Pós-colonialismo e a literatura: Estratégias de leitura**. Maringá: Eduem, 2000.

_____. Introdução ao estudo das literaturas pós-coloniais. **Revista Mimesis**, Bauru, v. 19, n. 1, p. 07-23, 1998. Disponível em: <http://www.usc.br/biblioteca/mimesis/mimesis_v19_n1_1998_art_01.pdf>. Acesso em setembro de 2015.

ERVEDOSA, Carlos. **Roteiro da literatura angolana**. Luanda: União dos Escritores Angolanos, 1985.

FERREIRA, Manuel. **Literaturas africanas de expressão portuguesa**. São Paulo: Ática, 1987.

HAMILTON, Russell. A literatura dos PALOP e a Teoria Pós-colonial. **Anais... IV ENCONTRO DE ESTUDOS COMPARADOS DE LITERATURAS DE LÍNGUA PORTUGUESA**. São Paulo, USP, 1999.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

LEITE, Ana Mafalda. **Literaturas africanas e formulações pós-coloniais**. Lisboa: Edições Colibri, 2ª edição, 2012.

LEITE, Ligia Chiappini Moraes. **O foco narrativo**. 8ª edição. São Paulo: Editora Ática, 1997.

MELO, João. **O dia em que o Pato Donald comeu pela primeira vez a Margarida: 18 estórias quase pós-modernas**. Lisboa: Editorial Caminho, 2006.

MEMMI, Albert. **Retrato do colonizado precedido do retrato do colonizador**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

NGH(WA THIONG'O. **Decolonizing the mind: the politics of language in African literature**. Nairobi: EAEP, 1997.

PÉLISSIER, RENÈ. **História das Campanhas de Angola**. Vol. I e II. Lisboa: Editorial Estampa, 1986.

QUIJANO, A. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais**. Buenos Aires: Colección Sur Sur, p. 107-130. 2005.

SAIGH, Yeda Alcide. A colonização da mente. **Encontro revista de psicologia**. São Paulo: Vol. XI, Nº16, ano 2007.

SANTILLI, Maria Aparecida. **Estórias africanas: história e antologia**. São Paulo: Ática, 1985.

SOUZA, F. Z. D. **Olhares críticos sobre a colonização e a descolonização**: Disponível em: <<http://ead.ifpb.edu.br/site/paginas/ead>>. Acesso em Outubro de 2015.

TUTIKIAN, Jane. A identidade sob nova face: globalização, pós-colonialismo; hibridismo. In: **Velhas identidades novas**. O pós-colonialismo e a emergência das nações de língua portuguesa. Porto Alegre; Sagra Luzzatto, 2006.

Figura 1: Disponível em: MELO, João. **O dia em que o Pato Donald comeu pela primeira vez a Margarida**: 18 histórias quase pós-modernas. Lisboa: Editorial Caminho, 2006.

Figura 2: Disponível em: _____.

Figura 3: Disponível em: <http://fiquelgado.com.br/noticias/881/o_amor_esta_no_ar_no_universo_da_animacao.html>. Acesso em abril de 2016.